



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16864 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 14 - Sociologia da Educação

**MODELOS SOCIALIZADORES E DESTINOS ESCOLARES: UMA ANÁLISE INTERGERACIONAL**  
 Patrícia Geralda Resende Souza - USP-RP - Campus Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo

### **MODELOS SOCIALIZADORES E DESTINOS ESCOLARES: UMA ANÁLISE INTERGERACIONAL**

De acordo com Almeida (2017) “o estudo dos processos de transmissão e herança cultural constitui hoje uma das áreas mais ricas da sociologia que se interessa em desvendar a contribuição da escola para a produção e reprodução das desigualdades.” (2017, p.219). Com efeito, a ideia de herança cultural possui grande relevância e complexidade, envolvendo diversos aspectos, inclusive de ordem psicológica, além da participação da escola (Bourdieu, 1997). Isto é, os projetos familiares almejados para a prole podem ser desafiados pelos descendentes ao longo da trajetória escolar desenvolvida por eles. Dessa maneira, o presente texto tem como objetivo apresentar processos de transmissão da herança cultural e, em especial, as contradições envolvidas neles a partir da influência dos modelos socializadores nos destinos escolares de dois jovens pesquisados durante o mestrado. Para isso, foram realizadas entrevistas pautadas nas orientações de Kaufmann (2013).

O grupo familiar foco deste trabalho passou por um processo de ascensão social por meio da escolarização entre a primeira e a segunda geração. A segunda geração concluiu o ensino superior por meio de um sobre-esforço individual e coletivo para romper as barreiras da condição material de origem da família, apoiados em uma solidariedade interna característica das camadas populares. Essa prole numerosa galgou conquistas distantes daquelas que a sua posição de origem poderia oferecer. Atualmente, todos trabalham em suas áreas de formação, ocupando posições de prestígio.

A importância da escolarização nessa família reflete-se também na educação da

terceira geração, que assim como seus pais, seguem trajetórias escolares que evidenciam a valorização da escolarização como meio de manutenção ou superação da posição social familiar. Contudo, dois casos na terceira geração dessa família vão na contramão desse movimento e serão objeto de uma análise mais detida. Os jovens Raí e Carla encontram-se em situação de não herdeiros do capital escolar de sua família, não tendo realizado o ensino superior.

Carla possui 31 anos, seus pais são Marina e Carlos. Marina é formada em Biblioteconomia pela UFMG e trabalha na área, desempenhando a função de bibliotecária em uma universidade privada. César, concluiu o Ensino Médio (EM) em idade regular. Não deu sequência aos estudos por impossibilidades econômicas e teve que começar a trabalhar ainda muito jovem. Já casado, cursou Direito em uma faculdade particular, mas não tem o diploma por não ter entregado a monografia. Atualmente, trabalha na empresa de turismo da família.

Desde a Educação Infantil, o casal investiu na escolarização da filha. Carla estudou em escolas particulares e públicas que eram escolhidas cuidadosamente por seus pais que consideravam a reputação e a qualidade da escola, com intuito de prepará-la para dar continuidade aos estudos. Mas, ainda no EM Carla escolheu trabalhar por acreditar que ganhar o próprio dinheiro lhe traria autonomia. Então, exercia um cargo na área administrativa na empresa de turismo da família paterna. Apesar de conciliar a atividade laboral com a escola, sua prioridade sempre foi o trabalho. Em relação ao processo de escolarização, a jovem nunca desenvolveu uma rotina de estudos, afirma que seu intuito na escola era apenas passar de ano. A interrupção dos estudos contrariou as expectativas de seus pais. Carla afirma se sentir realizada trabalhando como vendedora de pacotes turísticos na empresa familiar. Como sonho futuro, almeja expandir o negócio da família e retomar os estudos não está em seu horizonte.

O primo dela, Raí, de 27 anos. Filho de Mara e João. Mara formou-se em História pela PUC Minas, trabalhou como docente na rede pública estadual e municipal de ensino e hoje está aposentada. Seu marido, concluiu o EM em uma escola particular que ele mesmo pagava com o dinheiro de seu trabalho e não deu continuidade aos estudos por precisar trabalhar para ajudar seus pais. Ele é representante comercial de uma marca de sapatos.

O casal sempre teve uma participação ativa no percurso escolar do filho. Raí iniciou seus estudos logo aos dois anos de idade e fez toda a educação básica na rede particular de ensino e sempre teve um bom rendimento escolar. Os dois últimos anos do EM foram cursados em um Colégio renomado. Após um ano de cursinho, foi aprovado em Direito na UFMG. No início da graduação, Raí estava empolgado por estar em um curso altamente seletivo de uma instituição conceituada. Buscou explorar as oportunidades que a instituição oferecia, participou de um grupo de estudos, realizou vários estágios, e sobre essas experiências destaca que a empolgação inicial logo passava, que tudo deixava de ser novidade muito rápido e a rotina era desestimulante. A interrupção da graduação em Direito na UFMG contrariou as expectativas de seus pais. Após desistir do curso, Raí começou a trabalhar de

forma autônoma. No momento da entrevista, Raí dedicava-se ao ramo da fotografia, trabalhando em eventos diversos e ensaios fotográficos. A opção pela fotografia ocorreu em função de seu apreço pela área e como sua namorada é maquiadora, o ato de fotografar tornou-se uma necessidade para ajudá-la na divulgação de seu trabalho.

No caso de Carla e de Raí, o processo de transmitir e herdar a herança cultural não se manifestou de forma a beneficiar suas trajetórias a ponto de mobilizá-los na busca pelo sucesso escolar, pois interromperam suas trajetórias escolares. Eles se negam, contundentemente, a fazerem um curso superior. Nesse sentido, a influência dos modelos socializadores que esses jovens tiveram e têm, fornecem dados para se compreender as decisões tomadas. Lahire (1997) oferece contribuições a esse respeito, em relação aos diferentes tipos de socialização que os indivíduos dispõem na própria configuração familiar. Nas palavras do autor “é mais raro encontrar configurações familiares cultural e moralmente homogêneas (1997, p.347)”. Complementa ainda que a família pode seguir uma mobilização homogênea em torno do projeto escolar para os filhos, mas a maneira como é apropriada pelos jovens pode ser de forma muito variável.

Ao analisar a trajetória escolar e social de Carla nota-se um percurso escolar instável. Após a conclusão do ensino médio a jovem seguiu um destino inesperado o que indica que a jovem se apoiou no modelo socializador de seu pai, um modelo amparado em um capital escolar menos valorizado, mais prático e que não é tão mobilizado com as questões atinentes à escola, é mais inclinado ao mundo do trabalho. Assim, como acontece com Raí que se pautou no modelo socializador de seu pai. João concluiu o ensino médio e parou de estudar para trabalhar. Exercendo a profissão de representante comercial, conseguiu desenvolver uma carreira estável e que permite a ele uma certa liberdade em relação aos horários e à rotina. Esse modelo se sobrepôs ao de sua mãe, baseado em uma trajetória traçada a partir do curso superior, que exigia o cumprimento de horários já estabelecidos, um rigor maior em relação à prestação de contas sobre o que se fazia, ou seja, uma rotina mais demarcada por exigências.

Dessa forma, as histórias evidenciam percursos escolares complexos que refletem as contradições do processo de transmissão da herança cultural familiar e indicam que a influência de modelos socializadores pode ser uma via de compreensão.

Palavras-chave: Modelos socializadores; Herança cultural; Relação família e escola.

## Referências

ALMEIDA, A. M. F. de. Herança cultural. In: CATANI, A. M., *et al. Vocabulário Bourdieu*. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

BOURDIEU, P. (org). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

KAUFMANN, Claude Jean. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. 3. ed. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares*. As razões do improvável. São

